

A ATIVIDADE POLÍTICA E LITERÁRIA DE ALMEIDA GARRETT

RUDNEY AVELINO DE CASTRO SILVA
Centro de Investigação em Ciências Históricas –
Universidade Autónoma de Lisboa (CICH-UAL)

Dr. VLAD DOBROIU
CHAM - Centro de Humanidades, Universidade NOVA de Lisboa

Abstract: Almeida Garrett (1799-1854) is considered nowadays one of the most important writers of the 19th century. Garrett's writings, especially the poems from the volume *Folhas Caídas*, the play *Frei Luís de Sousa* and the novel *Viagens na minha terra* are studied in Portugal not only at school, but also at university. His play *Frei Luís de Sousa* has been performed for dozens of years on the stage of the National Theater D. Maria II, one of the biggest public theaters in Lisbon and Portugal. Even though Almeida Garrett is mostly known by the contemporary readers as a Romantic writer, he was also an important journalist and politician who played multiple roles in the national institutions, especially between 1830 and 1840, and, at a lesser degree, in the early 1850s. He wrote articles and manifestos in journals, such as *O Cronista* and *O Português*. One of the aims of our paper is to present and analyze Garrett's political activity. He supported the Liberal Revolution from 1820 by writing two poems *Hymno Constitucional* and *Hymno Patriótico*, which were distributed to civilians in Porto. In the following years, he became more and more active in the political affairs of the country and he even participated in various protests and insurrections, including in Vilafrancada, which was an attempt of D. Miguel to seize the power of the country in 1823. In 1832, he joined the liberal troupes of D. Pedro I of Brazil/IV of Portugal to fight against the ones led by D. Miguel, who defended the absolute monarchy. In 1836, Garrett helped the ministers with the definition of a new Constitution, which was later adopted in 1838. During his lifetime, he was sent as consul of Portugal in Belgium, he was several times named deputy in the Portuguese Parliament and, finally, he received the title of viscount. Another aim of our paper is to analyze to which degree Garrett's political views are included in his fictional writings, especially the novel *Viagens na Minha Terra* (1846), but also the plays *Frei Luís de Sousa* e *Um Auto de Gil Vicente* (1841). In order to obtain the expected results, we will take into consideration not only the articles that he published in the national journals of that time, but also his manifestos, including *O Dia Vinte e Quatro de Agosto* (1821) and *Portugal na Balança da Europa* (1830).

Keywords: Liberalism, civil war, Portuguese literature, 19th century, politics;

Em muitos países da Europa, a transição política para o liberalismo modificou, no início do século XIX, a maneira na qual a sociedade construía as suas teias de sociabilidade. Em Portugal também foram registradas mudanças nas camadas sociais, por exemplo o aparecimento da pequena burguesia, as relações de tensão entre Estado e Igreja e a independência do Brasil. A historiadora Miriam

Halpern Pereira, uma das maiores especialistas portuguesas de História contemporânea, ao analisar a transição do Antigo Regime para o liberalismo, diz que foi um tempo marcado por revoluções que reconfiguraram tanto as relações sociais quanto a forma na qual Portugal construía as suas relações diplomáticas¹.

Ao observar a sociedade portuguesa a partir da implantação do liberalismo, percebe-se que a relação entre liberdade e regulação foi de grande importância para as políticas liberais, uma vez que, para garantir as liberdades individuais, o Estado precisou exercer cada vez mais controle do cotidiano das cidades².

1. Introdução sócio-histórica

De 1820 em diante os pilares do Estado português sofreram grandes transformações, esse mesmo ano sendo um ponto de convergência dos acontecimentos históricos que marcaram a maneira na qual Portugal construía a sua política interna. Os ideais liberais conduziram à promulgação da primeira Constituição portuguesa e à limitação do poder do Rei e da Igreja, cenário no qual a organização do Estado passa a seguir leis objetivas e de alcance geral. O impacto dessas mudanças sócio-políticas impactou as mais distintas esferas da organização estatal, alcançando a economia, a diplomacia, a arquitetura das instituições e, principalmente, o que foi o principal pilar de reestruturação, ou seja, a vida política do país.

Neste cenário que se prolonga de 1820 (implantação do liberalismo) a 1910 (proclamação da República) e, para o propósito deste artigo, merecem destaque os anos de 1832 a 1834, período no qual a Guerra Civil Portuguesa polarizou as opiniões dos cidadãos, colocando Estado e Clero em posições antagônicas. Aqui em específico nos referimos à disputa entre D. Pedro IV e D. Miguel pelo direito ao trono. O primeiro defendia os valores do liberalismo e era declaradamente maçom, o segundo era conservador e, com a ratificação da Igreja Católica, defendia um Estado absolutista e a permanência da longa aliança político-religiosa entre Estado e Igreja.

Como foi mencionado acima, o conservadorismo de D. Miguel tinha o apoio da Igreja e do Vaticano, e as suas decisões políticas eram significativamente influenciadas pela sua mãe, a Rainha consorte Carlota Joaquina. Considerada por alguns historiadores libidinoso e extravagante, Carlota Joaquina era conhecida pelo povo como sendo a “Megera de Queluz”, nome atribuído devido à sua personalidade forte e porque vivia no Palácio de Queluz, nos arredores de Lisboa. Tãmanha era a ojeriza da Rainha consorte em relação aos liberais que em 1822 ela se recusou a jurar a Constituição. A relação próxima entre mãe e filho é destacada no trecho a seguir.

- Faltava-me alguém que me compreendesse, que quisesse arriscar-se por mim, que fosse o executor dos meus planos, o chefe

¹ Cf. Mirian Halpern Pereira, “1820, uma revolução para a posteridade”. in *Diário de Notícias*, 2021.

² Cf. Patrick Joyce, *The Rule of Freedom: Liberalism and the Modern City*, Londres, Verso, 2003.

dos meus partidários, o general dos meus exércitos, o representante da nobreza ofendida, o protector dos pobres frades despojados, o libertador d’esta nação escrava da liberdade. Esse alguém és tu!

- Pois agora tudo vai mudar, mãe, e aí d’aqueles que te ofenderem!

- Vaes bem, Miguel! Vaes bem, e agora ainda tenho mais orgulho de ti, que és minha obra. Fui eu que te fiz assim, que te formei a alma, que te tornei tão religioso, tão temente a Deus, tão diferente de Pedro que até pedreiro livre se tornou! O que tu és a mim m’o deves, filho, e um dia m’o hão de agradecer.

- Bem sei, mãe, e não me esqueço.

- Mui bien! Mui bien! Miguel, não esqueças, não dever esquecer nunca que o maior culpado é o homem de quem tive a desgraça de ser mulher.³

Mais que um fato espontâneo, uma guerra civil é fruto de um complexo e acelerado sistema onde a radicalização de posições se faz presente, tempos em que, de uma maneira lancinante, o equilíbrio deixa de reinar. Semelhante facto disruptivo é “exemplarmente ilustrado pela regência miguelista e a sua conceção maniqueia da sociedade portuguesa, dividida entre os ‘bons filhos amantes da sua Pátria’ (os absolutistas) e esses filhos espúrios e desmoralizados da mãe Pátria (os liberais)”⁴.

Ao buscar por compreender o que significou essa transição na sociedade portuguesa, fica claro que o conceito de “povo” muito se distanciava da ideia de cidadãos livres e com direitos democráticos que viria a ser defendida pelos liberais, sendo “povo” tão somente os súditos da majestade. Em termos semânticos, o conceito de “povo-povos” é peça estruturante para compreender uma das forças que alterou a relação entre realza, nobreza e clero nesse período. É nesse sentido que Ferreira diz que “povo-povos” marcou a entrada do liberalismo em Portugal a partir do instante em que mais que súditos, o povo passa a ser força apoiante, seja a favor de D. Miguel e da Igreja Católica, seja em prol dos ideais liberais, na figura de D. Pedro IV⁵. Neste artigo nosso defendemos a ideia que o que representava social e politicamente o conceito “povo” foi “pomo da discórdia” na disputa política entre liberais e miguelistas.

Ferreira afirma que “mais do que portador de uma vontade soberana, o povo foi visto por alguns políticos liberais como sendo detentor de uma opinião segura e confiável na escolha do seu representante”. No movimento oposto aos matizes liberais, os miguelistas não se escusaram em recorrer “ao campo semântico

³ Faustino Da Fonseca, *El-Rei D. Miguel (Chronica popular do absolutismo)*, Lisboa, Editora Guimarães, 1905, p.10.

⁴ Maria Alexandre Lousada & Maria de Fátima Sá e Melo Ferreira, *D. Miguel*. Lisboa, Círculo de Leitores/ Universidade Católica Portuguesa, 2006, p. 151.

⁵ Cf. Maria de Fátima Sá e Melo Ferreira, *Rebeldes e Insubmissos Resistências Populares no Liberalismo (1834-1844)*, Porto, Edições Afrontamento, 2002.

do discurso político, revolucionário e liberal, jogando de forma ambígua com a polissemia do termo ‘povo’⁶. O que a autora argumenta é que D. Miguel acusa os liberais de valer-se da teoria do sufrágio universal, ou seja, o pleno direito ao voto, para negar a legitimidade do Rei.

A transição para o liberalismo foi um período de intensa efervescência política que criou cisões na sociedade portuguesa e marcou a juventude de Almeida Garrett. Nascido no Porto em 1799, Garrett veio ao mundo já no final do Antigo Regime, em um período marcado pelas invasões napoleônicas e pela transferência da Família Real, logo da capital do reino, para o Brasil. Entre os historiadores, os escritores e a sociedade portuguesa de uma maneira geral, é consenso que a vida pessoal de Garrett foi tecida rente à história política do país e que a sua contribuição para a nação tenha sido singular, tanto no aspecto político quanto cultural.

No entanto, o seu ativismo político a favor de D. Pedro IV fez com que no período em que o trono foi usurpado por D. Miguel, Garrett tenha sido enviado para o exílio em França e Inglaterra (1823-1826), acontecimento que o fez afastar da causa liberal em Portugal. Mas a verdade é que o exílio não foi assim tão mau à nação, uma vez que viabilizou a ele o intenso contacto com intelectuais, com políticos e com artistas defensores dos valores liberais, em um período em que Portugal ainda era uma sociedade marcada pelo campesinato⁷.

Garrett retorna a Portugal em 1832 e ao lado das tropas liberais, comandadas por D. Pedro IV, entra para o Batalhão Académico, se tornando poeta-soldado. Desde aquele ano, entre idas e vindas ao estrangeiro, uma vez que participava de missões diplomáticas, Garrett foi um dos protagonistas da retomada do liberalismo, participou ativamente na escrita da Constituição de 1838, foi deputado e se destacou no programa de educação cultural dos *setembristas*. Inspirado nas experiências que teve na França e na Inglaterra, Garrett dedicou-se a modernizar a arte e a produção dramática portuguesa. É da sua iniciativa a construção do Teatro Nacional D. Maria II, do Conservatório de Artes Dramáticas e do Panteão Nacional (antiga Igreja de Santa Engrácia).

2. Garrett, uma figura em destaque nas revoluções liberais

Almeida Garrett foi filho de António Bernardo da Silva Garrett e de Ana Augusta de Almeida Leitão. Grande parte da sua infância foi vivida no que hoje em dia pertence ao município Vila Nova de Gaia. Ali o jovem Garrett viveu cercado pelos encantos da natureza e dos costumes populares, ambos lhe servindo como fontes de inspiração para as suas obras literárias.

Foi também nesse período da infância e da juventude que, graças aos conhecimentos e à experiência de vida dos seus familiares e das empregadas da sua casa, Garrett começou a ter cada vez mais interesse na literatura popular e, de certa maneira, nas manifestações culturais e sociabilidades de sua época. É o que afirma

⁶ *Idem*, p. 148.

⁷ Cf. Vitor de Sá, *Lisboa no liberalismo*, Lisboa, Editora Livros Horizonte, 1992.

Francisco Gomes de Amorim nas memórias biográficas sobre a vida e a obra do autor Romântico:

Também era ao sul do Douro, indo pela estrada de Vilar de Andorinha, a quinta do Sardão, fundada por seu avô José Bento. E ali residiam sua avó D. Maria do Nascimento, suas tias e seu tio João Carlos. O pequenito pulava de contente, lembrando-se que ia viver menos distante d'aquelles parentes, que o adoravam, e, sobretudo [de uma velha do Brasil]. Essa [velha mulher], que o idolatrava, e a tia Brigida, então guarda da quinta do Castello, foram, sem o saber, quem lançou na memoria do futuro auctor do *Romanceiro* e de *D. Branca* os primeiros elementos de poesia popular, creando-lhe o amor das tradições com o gosto do maravilhoso.⁸

Alguns anos depois, quando as tropas francesas de Napoleão invadiram o país na primeira década do século XIX, Garrett e a sua família mudaram para Ilha Terceira, nos Açores. Longe do Portugal continental, ele vai estudar a religião cristã, a história nacional e alguns escritores clássicos, sobretudo os franceses e os italianos, sob o olhar atento do Bispo de Angra, D. Frei Alexandre da Sagrada Família da Silva Garrett, que era o seu tio paterno. É nesse período que o jovem aluno começa a manifestar o seu talento de escritor e cria as suas primeiras poesias e peças de teatro, inspiradas, principalmente, nos autores clássicos cujas obras estudava naqueles anos de juventude.

Uma vez que partiu da Ilha Terceira para se inscrever no curso de Direito na Universidade de Coimbra, Garrett envolveu-se cada vez mais na vida política nacional. Imbuído dos ideais liberais, figura de destaque entre os estudantes da Universidade, no segundo ano letivo já era conhecido pelo seu engajamento intelectual e político, momento no qual fundou a Loja maçónica “Arco de Almedina”. A militância ativa de Garrett destaca-se numa fase onde da “Universidade de Coimbra, seriam expulsos 425 indivíduos, na maior parte estudantes que se tinham alistado no batalhão académico liberal”⁹.

Nesse cenário tumultuoso de um ponto de vista político e social, onde imperavam os valores morais do catolicismo, Almeida Garrett cresceu e tornou-se apoiador do “povo” e da revolução liberal. Para ele, a literatura significava não só um lugar para criar histórias, mas também um espaço de afirmação social e de transmissão de conhecimentos.

Para escapar ao absolutismo que ameaçava os que apoiavam as ideias liberais, o jovem Garrett exilou-se na Grã Bretanha e depois na França, onde escreveu poemas num estilo que anunciava a inauguração do Romantismo em

⁸ Francisco Gomes de Amorim, *Memórias Biográficas*, vol. 1, Lisboa, Imprensa Nacional, 1881, p. 57-60.

⁹ Paulo Silveira Sousa, “A Cultura”, in *História Contemporânea de Portugal (1808-2010)*, vol. 2: *A Construção Nacional (1834-1890)*, Carnaxide, Editora Objectiva, 2013, 222-223.

Portugal. Dois desses poemas têm maior destaque, *D. Branca* e *Camões*, esse último sendo ainda frequentemente estudado nas escolas e nas Faculdades de Letras portuguesas. Um outro poema que marcou a vida de Garrett foi *O Retrato de Vénus*, publicado em 1821, que fez com que o autor fosse acusado judicialmente de ateísmo e imoralidade.

3. Um percurso profissional atípico, da literatura à política

No ensaio sociopolítico “Portugal na Balança da Europa”, publicado pela primeira vez no ano de 1830 em Londres, há um fragmento onde a utilização do conceito “povo” refere-se à força da nação e não ao “populacho” súbdito da realeza: “quando a revolução se faz pelo povo e em seu nome, forçoso é que o povo entre e disponha n'ella; que a máquina social se disloque; as instituições velhas se destruam todas de uma vez, e que em terreno limpo e desembaraçado se edifiquem de novo novos edifícios”¹⁰.

Garrett analisa nesse ensaio não só a classe política portuguesa e a crise na qual se encontrava o país nas primeiras décadas do século XIX, mas também os mais importantes conflitos externos que ameaçavam Portugal naquela época. Tendo em vista as lutas entre vários grupos políticos portugueses, onde Estado, Religião e Sociedade envolviam-se numa trama complexa, sobretudo depois dos conflitos miguelistas, em muitas manifestações públicas Garrett ponderou oportuno a moderação das rivalidades entre esses grupos, principalmente em benefício do povo, que, no fundo, era diretamente afetado pelas decisões políticas tomadas.

Ideias semelhantes foram apresentadas por Garrett uma década antes da publicação desse ensaio sociopolítico numa intervenção no Congresso Nacional que ficou conhecida sob o título “O Dia Vinte e Quatro de Agosto”¹¹. Dirigindo-se em 1821 aos eleitos portugueses, “o cidadão” Garrett fala-lhes sobre o sentimento de liberdade e o conceito de valor, e também sobre a identidade portuguesa e os conflitos políticos nacionais. O escritor continua o seu discurso assegurando o auditório da sua convenção que as pessoas que foram eleitas pelo povo para manterem a paz interna deveriam fazer tudo o que é possível para defenderem os direitos dos portugueses, assim como a liberdade da nação, a santidade da religião, a majestade e a glória do povo.

Ideias liberais podem ser encontradas também no livro *Viagens na Minha Terra*¹², que apareceu na íntegra em 1846, pois vários capítulos foram antes publicados em folhetim. O romance tem uma narrativa de uma certa maneira desconexa e uma linguagem inovadora. Essa obra de Garrett junta diferentes estilos literários, em função da história que está a ser relatada. Antes de tudo, é uma reflexão sobre o que se passava de um ponto de vista político no Portugal do século XIX, sobretudo a Guerra Civil que foi, de facto, um confronto fratricida.

¹⁰ Almeida Garrett, *Portugal na Balança da Europa*, Londres, S. W. Sustenance, 1830, p. 70.

¹¹ Almeida Garrett, *O Dia Vinte e Quatro de Agosto*. Lisboa, Rollandiana, 1821.

¹² Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1846.

Trata-se também de uma crónica de viagem de Lisboa a Santarém feita pelo personagem principal, Carlos, um jovem estudante da Faculdade de Coimbra. O narrador apresenta às vezes de uma maneira séria, de outras vezes com humor, as diferenças culturais que existiam entre os que viviam no Porto e nas outras cidades do Norte do país, e os que viviam em Lisboa e mais pelo o Sul do país. Semelhante ao percurso de Garrett, Carlos esteve uns tempos na Inglaterra e quando regressou a Portugal, ele juntou-se aos exércitos que lutavam para defender o liberalismo.

A prima de Carlos, Joaninha, tem um papel bastante importante nessa história de guerra e paixão porque deve ajudar ambas as tropas de beligerantes. Dada a posição da casa dela e da sua avó, Francisca, elas ficam presas no meio do conflito. A beleza da Joaninha é um símbolo de pureza, de inocência nessa luta fratricida, enquanto a imagem da avó pode ser associada à que tinha Portugal naquela altura, um país que não consegue assegurar a paz entre os diferentes grupos sociopolíticos. Um outro personagem importante desse romance é Frei Dinis, que no fim da história descobre ser o pai de Carlos.

De um modo geral, Garrett explora a identidade cultural portuguesa não só nas suas obras épicas, mas também nas suas peças de teatro¹³. Em *Frei Luís de Sousa*¹⁴ (peça estreada em 1843 e publicada no ano seguinte), por exemplo, Garrett apresenta a trágica história de amor de um casal (D. Madalena de Vilhena e Manuel de Sousa Coutinho) cuja filha (Maria de Noronha) tem um fim trágico por causa dos pecados dos seus pais. Como é o hábito de Garrett, há nessa peça um substrato histórico, mais exatamente da guerra iniciada por D. Sebastião contra os árabes do Norte da África, conhecida pelo nome de Batalha de Alcácer Quibir.

Nessa guerra, o primeiro marido de D. Madalena, D. João de Portugal, supostamente perdeu a sua vida. Quando ele regressa à sua casa, a filha de D. Madalena e o seu segundo marido, Manuel, torna-se ilegítima, assim como o casamento deles. D. João de Portugal não quer destruir a vida de Madalena e decide ir embora. No entanto, os danos já foram feitos e, conseqüentemente, Manuel de Sousa Coutinho e D. Madalena de Vilhena tiveram que escolher a vida religiosa, seguindo os costumes daquela época.

*Um Auto de Gil Vicente*¹⁵ é uma outra peça de teatro que se baseia na história nacional e pode ser considerada como sendo de inspiração romântica. No prefácio dessa obra dramática, Garrett frisa que ela tem uma origem portuguesa e promove, assim, um teatro que seja historicizado e baseado na cultura nacional.

A ação dessa peça decorre na corte do rei D. Manuel I e apresenta um verdadeiro drama histórico. O personagem principal é Gil Vicente, que também foi um dos maiores autores portugueses do fim do século XV. Gil Vicente, no imaginário ficcional de Garrett, prepara uma representação teatral da obra *Cortes de Júpiter* a fim de celebrar a partida da Infanta D. Beatriz para França. Essa

¹³ V. Vlad Dobroiu, „Prefață”, in *Frei Luís de Sousa* de Almeida Garrett, Cluj-Napoca, Casa Cărții de Știință, 2020.

¹⁴ Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*, trad. Vlad Dobroiu, Cluj-Napoca, Casa Cărții de Știință, 2020.

¹⁵ Almeida Garrett, *Um Auto de Gil Vicente*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra e INCM, 2017.

deveria casar-se com Carlos III, mas ao longo da história Gil Vicente desenvolve a ligação amorosa entre ela e o poeta Bernardim Ribeiro, que foi um escritor português renascentista.

É nesse sentido de cruzamento de história nacional com literatura, no intuito de construir obras relevantes para o patrimônio literário e cultural de Portugal, que Sousa nos revela que “Garrett esforçou-se por recriar uma tradição teatral, recuperando autores quinhentistas como Gil Vicente, incorporando ainda nas suas peças o culto da figura de Luís de Camões e referências ao sebastianismo e à saúde, enquanto símbolos de uma identidade portuguesa”¹⁶.

As lutas fratricidas entre os liberais e os monarquistas marcaram o passado de Portugal, influenciando de maneira decisiva as direções tanto ideológicas e políticas que o país ia tomar quanto a sua evolução no plano nacional e internacional. Consideramos que a Revolução liberal e a Guerra Civil tiveram uma grande influência nos textos jornalísticos e literários de Garrett, sendo esses temas o eixo que estruturava a maioria das suas obras e ativismos.

Consideramos também que a implementação do liberalismo e as forças contrárias a esse movimento, vividas por meio de grande agitação social, política, institucional, econômica, religiosa e cultural, marcou a vida pessoal, profissional e política do autor, que foi incontestavelmente, no início do século XIX, um defensor dos valores liberais e um crítico dos resquícios do Antigo Regime, o que pode ser percebido na astúcia e ironia presentes nas suas obras literárias.

Bibliografia

- AMORIM, Francisco Gomes de, *Memórias Biográficas*, 3 vols., Lisboa, Imprensa Nacional, 1881-1883. Disponível em: https://purl.pt/6841/4/1-11795-v/1-11795-v_item4/1-11795-v_PDF/1-11795-v_PDF_24-C-R0150/1-11795-v_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf. Acesso em 17 de nov. 2021.
- BRANCO, Rui, “A vida política”, in *História Contemporânea de Portugal (1808-2010)*, vol. 2: *A Construção Nacional (1834-1890)*, Carnaxide, Editora Objectiva, 2013.
- DA FONSECA, Faustino, *El-Rei D. Miguel (Chronica popular do absolutismo)*, Lisboa, Editora Guimarães, 1905.
- DOBROIU, Vlad, „Prefață”, in *Frei Luís de Sousa* de Almeida Garrett, Cluj-Napoca, Casa Cărții de Știință, 2020.
- FERNANDEZ, Hugo Carvalho de Matos, “Pior que Inimigos, Irmãos’ Sobre a Guerra Civil Portuguesa (1828-1834)”, in *Perspectives - Portuguese Journal of political Science and International Relations*, no. 15, 2015, p. 75-93.
- FERREIRA, Maria de Fátima Sá e Melo, *Rebeldes e Insubmissos Resistências Populares no Liberalismo (1834-1844)*, Porto, Edições Afrontamento, 2002.
- FRANÇA, José-Augusto, “Garrett ou a ilusão desejada”, in *O Romantismo em Portugal. Estudo de Factos Socioculturais*, Lisboa, Livros Horizonte, 1993.
- GARRETT, Almeida, *O Dia Vinte e Quatro de Agosto*, Lisboa, Rollandiana, 1821.

¹⁶ Paulo Silveira Sousa, *op. cit.*, p. 212.

- GARRETT, Almeida, *Carta de M. Cévola ao futuro editor do primeiro jornal liberal que em português se publicar*, Londres, [s.e.], 1830.
- GARRETT, Almeida, *Portugal na Balança da Europa*, Londres, S. W. Sustenance, 1830.
- GARRETT, Almeida, “Manifesto das Cortes Constituintes à Nação”, in *Diário do Governo*, Lisboa, [s.e.], 1837.
- GARRETT, Almeida, *Obras. Theatro*, vol. VII, Lisboa, Impr. Nacional, 1846. Disponível em: https://purl.pt/138/4/1-89155-p/1-89155-p_item4/1-89155-p_PDF/1-89155-p_PDF_24-C-R0150/1-89155-p_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf. Acesso em 17 de nov. 2021.
- GARRETT, Almeida, *Viagens na Minha Terra*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1846.
- GARRETT, Almeida, *Frei Luís de Sousa*, trad. Claude-Henri Frêches, Bordeaux, Presses Universitaires de France, 1872.
- GARRETT, Almeida, *Um Auto de Gil Vicente*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra e INCM, 2017.
- GARRETT, Almeida, *Frei Luís de Sousa*, trad. Vlad Dobroiu, Cluj-Napoca, Casa Cărții de Știință, 2020.
- JOYCE, Patrick, *The Rule of Freedom: Liberalism and the Modern City*, Londres, Verso, 2003.
- LOUSADA, Maria Alexandre & FERREIRA, Maria de Fátima Sá e Melo, *D. Miguel*. Lisboa, Círculo de Leitores/ Universidade Católica Portuguesa, 2006.
- MONTEIRO, Ofélia Paiva, *A Formação de Almeida Garrett. Experiência e Criação*. 2 vols., Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1971.
- PEREIRA, Miriam Halpern, “1820, uma revolução para a posteridade”, in *Diário de Notícias*, 2021. Disponível em: <https://www.dn.pt/cultura/miriam-halpern-pereira-1820-uma-revolucao-para-a-posterioridade-14203811.html>. Acesso em 09 de nov. 2021.
- RAMOS, Rui (coord.), *História de Portugal*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2009.
- REIS, Carlos & PIRES, M. Natividade, “A. Garrett e a fundação do Romantismo Português”, in *História Crítica da Literatura Portuguesa*, vol. V, Lisboa, Editorial Verbo, 1993.
- SÁ, Vitor de, *Lisboa no liberalismo*, Lisboa, Editora Livros Horizonte, 1992.
- SANTOS, Maria de Lurdes Lima dos, *Intelectuais Portugueses na 1ª metade de Oitocentos*, Lisboa, Presença, 1988.
- SOUSA, Paulo Silveira, “A Cultura”, in *História Contemporânea de Portugal (1808-2010)*, vol. 2: *A Construção Nacional (1834-1890)*, Carnaxide, Editora Objectiva, 2013.